

LUANA VON LINSINGEN

Ilustrações

CARLOS CHAGAS

# A CASA DE HANS KUNST



4ª edição

Conforme a nova ortografia

 **Editora  
Saraiva**

**Copyright** © Luana von Linsingen, 1997

---

*Editora:* CLAUDIA ABELING-SZABO

*Assistente editorial:* NAIR HITOMI KAYO

*Suplemento de trabalho:* FLORIANA TOSCANO CAVALLETTE

*Coordenação de revisão:* PEDRO CUNHA JR. E LILIAN SEMENICHIN

*Gerência de arte:* NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

*Supervisão de arte:* JOÃO BATISTA RIBEIRO FILHO

*Impressão e acabamento:*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

von Linsingen, Luana

A casa de Hans Kunst | Luana von Linsingen ;

ilustrações Carlos Chagas, -São Paulo: Saraiva,  
1997. — (Jabutí)

ISBN 978-85-02-02232-4

1, literatura infantojuvenil I. Chagas, Carlos,  
II. Título. III. Série.

96-5407

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

8ª tiragem, 2017



---

Direitos reservados à  
SARAIVA Educação S.A.  
Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros  
CEP 05425-902 – São Paulo – SP  
[www.editorasaraiva.com.br](http://www.editorasaraiva.com.br)

Tel.: (0xx11) 4003-3061  
[atendimento@aticascipione.com.br](mailto:atendimento@aticascipione.com.br)

---

Todos os direitos reservados.

CL: 810105  
CAE: 603359

*“Nunca julgue as coisas pela aparência.”*

*Mary Poppins*

Para Max, Alexandre, Clóvis, Batata e Jau.

Espero que continuem sempre juntos.

(Um beijo especial para Fernando e Karina.)

Para Rosana e Adriana, minhas grandes amigas.

Para meu pai, que me deu essa história.



# Capítulo I — 1967

Setembro amanheceu chuvoso. Por volta das quatro e meia da manhã, as pessoas da pequena vila acordaram com um grito agudo e estridente, vindo da famosa mansão dos alemães Hans e Lisa Kunst.

— O que houve? — uma voz feminina fez-se ouvir, em meio aos sussurros da multidão que começava a se juntar em frente do casarão.

A dona da voz era Dalila, uma garota de quinze anos, muito popular no povoado por sua rebeldia e seu modo estranho de se vestir, aos olhos dos outros moradores — calça *jeans* e mini-blusa —, além de deixar seus longos cabelos sempre soltos.

— Não sabemos — respondeu outra voz, masculina. — Deve ter acontecido algo de grave. O velho Kunst não gritaria por nada.

— Pois, então, vamos entrar e ver o que houve — propôs Dalila, já se encaminhando para a porta da mansão.

O amigo segurou-a pelo braço, exclamando:

— Ficou maluca? O velho é esquisito. Dizem até que é amigo do demônio!

— Igor — desdenhou a moça —, você não acredita nessa história de demônio, acredita?

— Eu? — o rapaz hesitou.

— Não, claro que não!

— Então vamos entrar.

— Espere. O velho pode não gostar.

— Ora! Se ele não vem dar satisfações, nós vamos lá buscar!

— Mas...

— Não enrola e vem logo.

Dalila pegou Igor pelo braço e foi entrando, deixando, para trás, a multidão inconformada:

— Mas é louca, mesmo! — disseram alguns. — Alguém segure essa menina.

— Só podia ser a Dalila. Ah, se fosse minha filha! — falou outro.

Os murmúrios cessaram, mal Dalila plantou-se defronte à porta. Tocou a campainha uma, duas, três vezes. Nada. Intrigada, forçou a maçaneta. A porta se abriu.

Entraram. Assim que botaram os pés no comprido tapete do *hall*, a porta se fechou. Igor deu um salto.

— Ai, Dalila. Vamos embora.

— Psiu! Quietos, Igor! Está com medo, é?

Dalila chamou pelo dono da casa. Bateu palmas, assoviou, gritou. Mas Hans Kunst não apareceu.

Percorreram o saguão da entrada. Subiram por uma escada de mármore até o andar de cima, para ver se os donos da casa não estariam lá. Deram de frente com a entrada de um corredor, com várias portas fechadas e ao fundo uma grande janela. Dalila forçou o trinco de uma das portas. Fechada. Tentou outra e mais outra. Fechadas. Igor já estava branco de medo:

— Dalila, vamos sair daqui. Está tudo fechado. A polícia deve estar chegando.

Última porta. Ansiedade, nervosismo, medo... tudo misturado. A moça entrou em choque. Igor olhou para o interior do quarto.

— Ai, meu Deus!

Deitada na cama, Lisa Kunst olhava-os fixamente. Tinha um cartão nas mãos e... uma faca cravada no peito.

## Capítulo II — 1997

— Bom dia, *signore*, hora de acordar!

A mulher abriu as janelas, deixando o sol forte bater em cheio na cama do jovem *signore*, que resmungou qualquer coisa incompreensível.

— Pare de resmungar, Jonas! Acorde e venha ver que dia!

— Fecha essa janela, mãe!

— Não fecho, não — retrucou Dalila, puxando as cobertas do filho. — Num dia maravilhoso como este, filho meu não fica na cama. Levanta, preguiçoso! Já passa de nove horas!

Jonas permaneceu imóvel.

— Vamos, menino. Os gêmeos estão lá embaixo esperando. Troque-se e vá falar com eles.

A resposta foi um resmungo mal-humorado.

\*\*\*\*\*

— Ele já vem — sorriu a senhora, descendo as escadas.  
— Querem um suco, enquanto esperam?

— Eu aceito — falou Alexandre, um dos gêmeos.

Ao voltar da cozinha com o suco, Dalila indagou:

— Ué, o Jonas ainda não desceu?

Os dois irmãos negaram. Pondo as mãos na cintura:

— Jooonas! Desce logo, menino!

Voltando-se para os rapazes:

— Todo dia é a mesma coisa. Querem uma bolachinha? Pelo jeito, ele vai demorar um pouco.

— Não, obrigado — apressou-se em responder Max, antes que o irmão desse mais trabalho.

— Bem, então me deem licença, pois tenho uma montanha de coisas para fazer.

Após uma rápida troca de olhares com o irmão, Alexandre chamou:

— Ah... dona Dalila, não querendo tomar seu tempo, mas... poderia nos responder umas coisinhas?

Dalila sentou-se no sofá, toda ouvidos.

— Sabe aquele casarão do fim da rua? — começou Alexandre.

— O que está caindo aos pedaços? Sei, o que há?

— Ah..., então, quem foi que morou lá?

— Alexandre! — exclamou Dalila. — Você mora aqui há quinze anos e não sabe da história?

— Que história? Quer dizer, já me contaram — desculpou-se o rapaz —, mas eu esqueci!

A senhora olhou-o com o rabo dos olhos:

— Por que você quer saber?

— Por nada. Curiosidade, só.

Dalila apertou os olhos, desconfiada. Se havia uma coisa que ela sabia identificar bem era quando uma pessoa estava tentando esconder algo. E era o que Alexandre estava fazendo. Tentou adivinhar o que se passava pela cabeça do rapaz, mas não conseguiu. Por fim, respondeu:

— Hans Kunst e a mulher dele, Lisa.

— Sei. Mas... e por que foram embora? Afinal, a casa é bacana, com uma vista legal.

— A grana encurtou? — sugeriu Max.

Dalila balançou a cabeça e suspirou. Pobres e ingênuos meninos! Olhou para os irmãos e respondeu:

— Uma tragédia arruinou a vida dos dois.

— Tragédia? — animou-se Alexandre, que adorava esse tipo de assunto.

— É, tragédia. A mulher do alemão, Lisa, foi assassinada.

— Assassinada?! — exclamaram, surpresos, os gêmeos. — Aqui?

Dalila afirmou, num movimento de cabeça.

— Sério? Não é só fofoca? — indagou o desconfiado Max.

— Pois se eu vi a mulher morta!

— A senhora?!